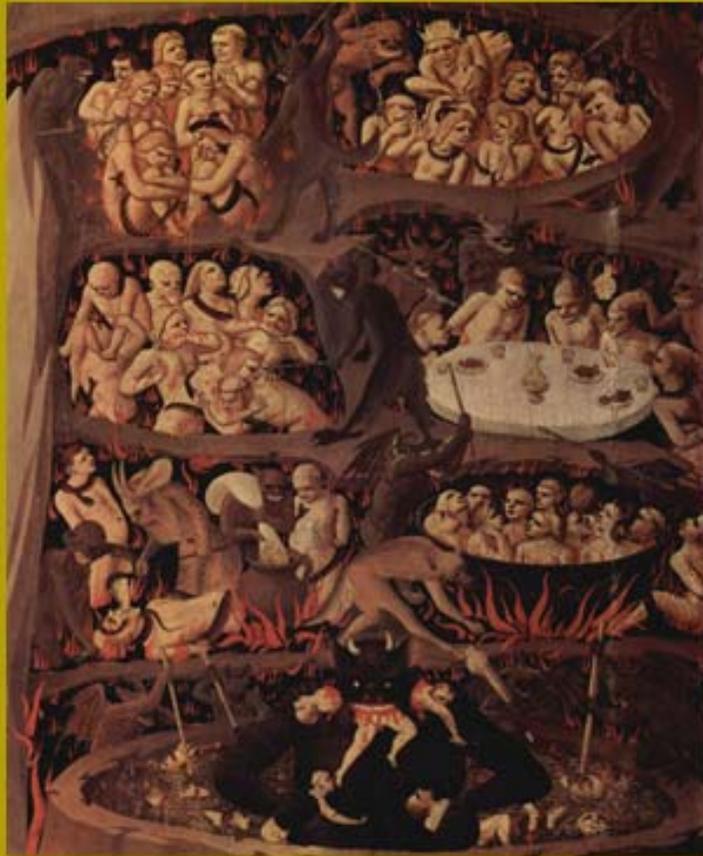


Dom Marcel Lefebvre



O golpe de mestre
de satanás



Título do Original em francês

“Le coup de maître de satan – Econe face a la persécution”

Éditions Saint-Gabriel

Martigny – (Suisse) 1977

Ilustração da capa:

Fra. Angélico, “CENA DO INFERNO”

Nota: Esta é uma tradução caseira para o português e tem como único objetivo a divulgação para uso doméstico. Fica proibido o uso para fins comerciais.

Nota 2: Para conservar o estilo próprio das homilias, foi mantido o estilo falado. (N. do T.)

Nota 3: Se permite a reprodução do livro. Pede-se apenas que se cite a fonte e não se faça nenhum uso que lhe desfigure os objetivos.



O inimigo mortal do homem não perde tempo.

O Protestantismo arrancou meia Cristandade da Igreja. A Revolução Francesa e a democracia aniquilaram sua influência na esfera civil. Com o Concílio Vaticano II, chega finalmente ao seu coração.

“Liberdade”, “igualdade” e “fraternidade”, ideal assumido pela Igreja sob a nova face de “liberdade religiosa”, “colegialidade” e “ecumenismo”.

A jogada,

envenenar o Corpo Místico de Cristo.

O meio,

que a autoridade eclesiástica hasteie e imponha os princípios da Revolução.

O fim,

a autodestruição da Igreja pela via da obediência



Sumário

I - O golpe de mestre de satanás	5
II – “Desobediência aparente, mas obediência real...”	10
III – Ensaio de síntese dos erros em curso no interior da Igreja desde o Concílio Vaticano II	18
IV - Enumeração dos fatos	22
V – Ecône diante da perseguição.....	25
VI – “Os três principais dons que Deus nos fez: O Papa, a Santíssima Virgem e o Sacrifício Eucarístico”	29
O Papa	31
A Santíssima Virgem Maria	33
O Sacrifício Eucarístico.....	35
VII – Respostas a diversas questões da atualidade.....	40
1. Qual deve ser nossa atitude diante do Papa Paulo VI?.....	40
2. Qual deve ser nossa atitude diante da nova Missa, e por este fato, diante de toda a reforma litúrgica, incluindo a reforma do breviário, do calendário litúrgico, do ritual dos defuntos, etcétera?	43
3. Sobre a jurisdição para os jovens sacerdotes da Fraternidade.....	44
4. Como considerar o retorno a uma situação normal?	45



I - O golpe de mestre de sataná

Sabemos pelo Gênesis e melhor ainda pelo próprio Nosso Senhor que Satanás é o pai da mentira. No versículo 44, capítulo 8 do Evangelho de São João, Nosso Senhor interpela os judeus dizendo-lhes:

“Vós sois filhos do demônio, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade; porque a verdade não está nele; quando ele diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira...”

Satanás é homicida nas perseguições sangrentas, pai da mentira nas heresias, em todas as falsas filosofias e nas palavras equívocas que estão na base das revoluções, das guerras mundiais, das guerras civis.

Não cessa de atacar Nosso Senhor em seu Corpo Místico: a Igreja. No curso da História empregou todos os meios, dos quais um dos últimos e mais terríveis foi a apostasia oficial das sociedades civis. O laicismo dos Estados foi e será sempre um escândalo imenso para as almas dos cidadãos. E *é por esse subterfúgio* que conseguiu laicizar pouco a pouco e fazer perder a fé numerosos membros da Igreja, a tal ponto que esses falsos princípios de separação da Igreja e do Estado, da liberdade das religiões, do ateísmo político, da autoridade que toma sua origem dos indivíduos, terminaram por invadir os seminários, os presbitérios, os bispados e até o Concílio Vaticano II.

Para fazer isso, Satanás inventou palavras chaves que permitiram que os erros modernos e modernistas penetrassem no Concílio: *a liberdade* foi introduzida mediante a Liberdade religiosa, ou Liberdade das religiões; *a igualdade*, mediante a Colegialidade, que introduz os princípios do igualitarismo democrático na Igreja e, finalmente, *a fraternidade* mediante o Ecumenismo que abraça todas as heresias e erros e oferece a mão a todos os inimigos da Igreja. *O golpe de mestre de Satanás será, por conseguinte, difundir os princípios*



revolucionários introduzidos na Igreja pela autoridade da própria Igreja, pondo esta autoridade em uma situação de incoerência e de contradição permanente; enquanto este equívoco não for dissipado, os desastres se multiplicarão na Igreja. Ao se tornar equívoca a liturgia, se torna equívoco o sacerdócio, e tendo ocorrido o mesmo com o catecismo, a Fé, que não se pode manter senão na verdade, se dissipa. A própria Hierarquia da Igreja vive em um equívoco permanente entre a autoridade pessoal, recebida pelo sacramento da Ordem e a Missão de Pedro ou do Bispo e os princípios democráticos.

É preciso reconhecer que a trapaça foi bem feita e que a mentira de Satanás foi utilizada maravilhosamente. *A Igreja vai destruir a si mesma por via da obediência.* A Igreja vai se converter ao mundo herege, judeu, pagão, pela obediência, mediante uma Liturgia equívoca, um catecismo ambíguo e cheio de omissões e de novas instituições baseadas sobre princípios democráticos.

As ordens, as contra-ordens, as circulares, as constituições, as cartas pastorais serão tão bem manipuladas, tão bem orquestradas, mantidas pela onipotência dos meios de comunicação social, pelo que resta dos movimentos da Ação Católica, todos marxizados, que todos os fiéis honrados e os bons sacerdotes repetirão com o coração quebrado mas consentindo: *Temos que obedecer!* A quem, a que? Não se sabe exatamente: *à Santa Sé, ao Concílio, às Comissões, às Conferências Episcopais?* Qualquer um aqui se perde como nos livros litúrgicos, nos *ordos* diocesanos, na emaranhada bagunça dos catecismos, das orações do tempo atual, etcétera. Temos que obedecer, com perigo de se tornar protestante, marxista, ateu, budista, indiferente, pouco importa! temos que obedecer através das negações dos sacerdotes, da inoperância dos Bispos, salvo para condenar àqueles que querem conservar a Fé, através do matrimônio dos consagrados a Deus, da comunhão aos divorciados, da inter-comunhão com os hereges, etc. Temos que obedecer! Os seminários se esvaziam e são vendidos como os noviciados, as casas religiosas e as escolas; se saqueiam os tesouros da Igreja, os sacerdotes se secularizam e se profanam em sua vestimenta, em sua linguagem, em sua alma!... temos que obedecer. Roma, as Conferências Episcopais, o Sínodo presbiterial o querem. É o que todos os ecos das Igrejas, dos jornais, das revistas repetem: *aggiornamento*, abertura ao mundo. Desgraçado seja aquele que não



consente. Tem direito a ser pisoteado, caluniado, privado de tudo o que lhe permitiria viver. É um herege, é um cismático, que merece unicamente a morte.

Satanás conseguiu verdadeiramente um golpe de mestre: *consegue fazer com que sejam condenados aqueles que conservam a fé católica por aqueles mesmos que a deveriam defender e propagar.*

Já é tempo de encontrar novamente o senso comum da fé, de reencontrar a verdadeira obediência à verdadeira Igreja, oculta sob essa falsa máscara do equívoco e da mentira. A verdadeira Igreja, a Santa Sé verdadeira, o Sucessor de Pedro, os Bispos enquanto submetidos à Tradição da Igreja, não nos pedem e não nos podem pedir que nos tornemos protestantes, marxistas ou comunistas. Pois bem, se poderia crer ao ler certos documentos, certas constituições, certas circulares, certos catecismos que nos pedem que abandonemos a verdadeira Fé em nome do Concílio, de Roma, etc.

Devemos negar a tornarmo-nos protestantes, a perder a Fé e a apostatar como o fez a sociedade política depois dos erros difundidos por Satanás na Revolução de 1789. Recusamo-nos a apostatar, ainda que fosse em nome do Concílio, de Roma, das Conferências Episcopais.

Permanecemos aderidos, sobretudo, a todos os Concílios dogmáticos que definiram a perpetuidade de nossa Fé. Todo católico digno desse nome deve rejeitar todo relativismo, toda evolução de sua fé no sentido de que o que foi definido solenemente pelos Concílios em outros tempos deixaria de ser válido hoje e poderia ser modificado por outro Concílio, com maior ainda razão se é simplesmente pastoral.

A confusão, a imprecisão, as modificações dos documentos sobre a Liturgia, a precipitação na aplicação, demonstram bem claramente que não se trata de uma reforma inspirada pelo Espírito Santo. Esta forma de obrar é de tal modo contrária aos costumes romanos que obram sempre "*cum consilio et sapientia*". É impossível que o Espírito Santo tenha inspirado a definição da Missa segundo o artigo VII da Constituição e ainda mais



inaudito que se tenha sentido a necessidade de corrigi-la em seguida, o que é uma confissão de um serviço malfeito na mais importante realidade da Igreja: o Santo Sacrifício da Missa.

A presença dos protestantes para a reforma litúrgica da Missa, é preciso confessar, estabelece um dilema ao qual parece difícil escapar. Sua presença significava ou que estavam convidados para reajustar seu culto segundo os dogmas da Santa Missa ou que lhes fosse perguntado o que lhes desagradava na Missa Católica para evitar que se deixasse presente uma expressão dogmática que eles não poderiam admitir. É evidente que esta segunda solução é a que foi adotada, coisa inconcebível e certamente não inspirada pelo Espírito Santo.

Quando se sabe que esta concepção da “Missa normativa” é a do Padre Bugnini e que ele a impôs tanto ao Sínodo como à Comissão de Liturgia, pode-se pensar que há Romas e Romas, a Roma eterna com sua fé, seus dogmas, sua concepção do Sacrifício da Missa e a Roma temporal influenciada pelas ideias do mundo moderno, influência à que não escapou o próprio Concílio – o qual, propositadamente e pela graça do Espírito Santo quis ser unicamente pastoral.

Santo Tomás se perguntava na questão da correção fraterna se convém que seja praticada às vezes com os Superiores. Com todas as distinções úteis, o Anjo da Escola responde que deve ser praticada quando se trata da Fé.

Pois bem, quem pode com toda consciência dizer que hoje em dia a Fé dos fiéis e de toda a Igreja não está ameaçada gravemente na Liturgia, no ensino do catecismo e nas instituições da Igreja?

Que se leia e releia São Francisco de Sales, São Roberto Belarmino, São Pedro Canísio e Bossuet e se encontrará com assombro que tinham que lutar contra os mesmos falsos procedimentos. Mas desta vez o drama extraordinário consiste em que estas desfigurações da Tradição nos vêm de Roma e das Conferências Episcopais; se alguém quer por conseguinte guardar sua Fé temos que admitir sim que algo anormal ocorre na administração romana. Devemos, certamente, manter a infalibilidade da Igreja e do



Sucessor de Pedro, devemos também admitir a situação trágica em que se encontra nossa Fé católica pelas orientações e os documentos que nos vêm da Igreja; a conclusão volta ao que dizíamos no começo: *Satanás reina pelo equívoco e pela incoerência, que são seus meios de combate e que enganam os homens de pouca Fé.*

Este equívoco deve ser suprimido valentemente para preparar o dia eleito pela Providência em que será suprimido oficialmente pelo Sucessor de Pedro.

Que não nos tachem de rebeldes ou orgulhosos, porque não somos nós os que julgamos, senão que Pedro mesmo quem como Sucessor de Pedro condena o que ele por outro lado fomenta, é a Roma eterna a que condena a Roma temporal. Nós preferimos obedecer a eterna.

Pensamos com plena consciência que toda a legislação emitida desde o Concílio é, ao menos, duvidosa e, em consequência, apelamos ao Cânon 23 que trata deste caso e nos pede ater-nos à lei antiga.

Estas palavras parecerão a alguns injuriosas para a autoridade. Ao contrário, são as únicas que protegem a autoridade e a reconhecem verdadeiramente, porque a autoridade não pode existir senão para o Verdadeiro e o Bom e não para o erro e o vício.

Em 13 de outubro de 1974, no aniversário das aparições de Fátima.

Que Maria se digne abençoar estas linhas e faça com que produzam frutos de Verdade e Santidade.

+ Marcel Lefebvre



II – “Desobediência aparente, mas obediência real...”

Homilia em Poitiers, 2 de setembro de 1977

Querido Padre, hoje tendes a alegria de celebrar a Santa Missa em meio aos vossos, rodeado de vossa família, de vossos amigos, e com grande satisfação nos encontramos hoje perto de vós para dizer-vos também toda nossa alegria e todos os nossos augúrios para vosso apostolado futuro, pelo bem que fareis às almas.

Rezamos neste dia especialmente a São Pio X, nosso santo padroeiro, cuja festa celebramos hoje e que esteve presente em todos vossos estudos e em toda vossa formação. Pediremos-Lhe que vos dê um coração de apóstolo, um coração de santo sacerdote como o Seu. E já que estamos aqui, próximo da cidade de Santo Hilário e de Santa Radegunda e do grande Cardeal Pie, pois bem!, pediremos a todos estes protetores da cidade de Poitiers que venham em vosso auxílio para que sigais seu exemplo, e para que conserveis, como eles o fizeram em tempos difíceis, a Fé católica.

Poderíeis ambicionar uma vida feliz, talvez fácil e cômoda no mundo, já que já preparastes estudos de medicina. Poderíeis, por conseguinte, desejar outro caminho que o que escolhestes. Mas não, tivestes a valentia, inclusive em nossa época, de vir pedir a formação sacerdotal em Ecône. E, por que em Ecône? *Porque aí encontrastes a Tradição, porque aí encontrastes o que correspondia a vossa Fé.* Isto foi para você um ato de valentia que vos honra.

E é por isso que queria responder, com algumas palavras, às acusações que foram feitas nestes últimos dias nos jornais locais por causa da publicação da carta de Dom Rozier, Bispo de Poitiers. Oh!, não para polemizar. Tenho muito cuidado de evitá-lo, não tenho por costume responder a essas cartas e prefiro guardar silêncio. No entanto, parece-me que seja bom que vos justifique porque nesta carta estais implicado como eu. Por que isto ocorre?



Não por causa de nossas pessoas, senão pela eleição que fizemos. Somos incriminados porque escolhemos a suposta via da desobediência. Mas trata-se de entender precisamente sobre o que é a via da desobediência. Penso que podemos em verdade dizer que *se escolhemos a via da desobediência aparente, elegemos a via da obediência real*.

Então penso que aqueles que nos acusam escolheram talvez a via da obediência aparente mas da desobediência real. Porque os que seguem a nova via, os que seguem as novidades, os que aderiram aos novos princípios, contrários aos que nos foram ensinados pela Tradição, por todos os Papas e por todos os Concílios, esses tais elegeram a via da desobediência real.

Porque não se pode dizer que se obedece hoje à autoridade desobedecendo a toda a Tradição. O sinal de nossa obediência é precisamente seguir a Tradição, esse é o sinal de nossa obediência: *“Jesus Christus heri, hodie et in saecula”*. Jesus Cristo ontem, hoje e por todos os séculos.

Não se pode separar Nosso Senhor Jesus Cristo. Não se pode dizer que se obedece ao Jesus Cristo de hoje e que não se obedece ao Jesus Cristo de ontem, porque então não se obedece ao Jesus Cristo de amanhã. Isto é muito importante. Por isso não podemos dizer: nós desobedecemos ao Papa de hoje e por isso mesmo desobedecemos também aos de ontem. Nós obedecemos aos de ontem, e por conseguinte, obedecemos ao de hoje, e por conseguinte obedecemos aos de amanhã. Porque não é possível que os Papas não ensinem a mesma coisa, não é possível que os Papas se desdigam, que os Papas se contradigam.

E é por isso que estamos persuadidos de que sendo fiéis a todos os Papas de ontem, a todos os Concílios de ontem, somos fiéis ao Papa de hoje, ao Concílio de hoje e ao Concílio de amanhã e ao Papa de amanhã. Mais uma vez: *“Jesus Christus heri, hodie et in saecula”*. Jesus Cristo ontem, hoje e por todos os séculos.

E se hoje, por um mistério da Providência, um mistério que para nós é insondável, incompreensível, estamos em uma aparente desobediência, realmente não estamos na desobediência, estamos na obediência.



Por que estar na obediência? Porque cremos em nosso Catecismo, porque temos sempre o mesmo Credo, o mesmo Decálogo, a mesma Missa, os mesmos Sacramentos, a mesma oração: O Pai Nosso de ontem, de hoje e de amanhã. Eis aqui por que estamos na obediência e não na desobediência.

Ao contrário, se estudamos o que se ensina hoje na nova religião, advertimos que eles já não têm a mesma Fé, o mesmo Credo, o mesmo decálogo, a mesma Missa, os mesmos Sacramentos, já não têm o mesmo Pai Nosso. Basta abrir os catecismos de hoje para se dar conta disso, basta ler os discursos que são pronunciados em nossa época para nos dar conta de que aqueles que nos acusam de estar na desobediência, são eles quem não seguem os Papas, são eles quem não seguem os Concílios, são eles quem estão na desobediência. Porque não se tem o direito de mudar nosso Credo, ao dizer que hoje os Anjos não existem, de mudar a noção do pecado original, de afirmar que Nossa Senhora já não é mais a sempre virgem, e assim por diante.

Não existe o direito de substituir o Decálogo pelos Direitos do homem; pois bem, hoje já não se fala senão dos Direitos do homem e não se fala de seus deveres que constituem o Decálogo. Ainda não vimos que em nossos catecismos devemos substituir o Decálogo pelos Direitos do homem!... E isto é muito grave. Se ataca os Mandamentos de Deus, já não se defende a todas as leis que concernem à família, e assim por diante.

A Santíssima Missa, por exemplo, que é o resumo de nossa Fé, que é precisamente nosso catecismo vivo, a Santíssima Missa está desnaturada, tornou-se equívoca, ambígua. Os protestantes podem dizê-la, os católicos podem dizê-la.

Sobre isso, nunca disse e nunca segui àqueles que disseram que todas as Missas novas são Missas inválidas. Nunca disse coisa semelhante, mas creio que, de fato, é muito perigoso habituar-se a seguir a Missa nova porque já não representa nosso catecismo de sempre, porque há noções que se tornaram protestantes e que foram introduzidas na nova Missa.



Todos os Sacramentos foram, de certa forma, desnaturados, tornaram-se como uma iniciação a uma coletividade religiosa. Os Sacramentos não são isso. Os Sacramentos nos dão a graça e fazem desaparecer em nós nossos pecados e nos dão a vida divina, a vida sobrenatural. Não estamos simplesmente em uma coletividade religiosa puramente natural, puramente humana.

É por isso que estamos aderidos à Santa Missa. E estamos aderidos à Santa Missa porque é o catecismo vivo. Não é unicamente um catecismo que está escrito e impresso sobre páginas que podem desaparecer, sobre páginas que não dão a vida na realidade. Nossa Missa é o catecismo vivo, é nosso Credo vivo. O Credo não é outra coisa que a história, eu diria, o canto de certa forma da redenção de nossas almas por Nosso Senhor Jesus Cristo. Cantamos os louvores de Deus, os louvores de Nosso Senhor, nosso Redentor, nosso Salvador que se fez Homem para derramar seu sangue por nós e assim deu nascimento a sua Igreja, ao Sacerdócio, para que a Redenção continue, para que nossas almas sejam lavadas no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo pelo Batismo, por todos os Sacramentos, e para que assim tenhamos participação da natureza de Nosso Senhor Jesus Cristo mesmo, de sua natureza divina por meio de sua natureza humana e para que sejamos admitidos na família da Santíssima Trindade por toda a eternidade.

Eis aqui nossa vida cristã, eis aqui nosso Credo. Se a Missa já não é mais a continuação da Cruz de Nosso Senhor, do sinal de sua Redenção, não é mais a realidade de sua Redenção, não é mais nosso Credo. Se a Missa não é mais que um banquete, uma eucaristia, uma partilha, se alguém pode se sentar ao redor de uma mesa e pronunciar simplesmente as palavras da Consagração em meio ao banquete, isto já não é mais nosso Sacrifício da Missa. E se já não é mais o Santo Sacrifício da Missa, o que se realiza já não é a Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Precisamos da Redenção de Nosso Senhor, precisamos do Sangue de Nosso Senhor. Não podemos viver sem o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele veio à terra para nos dar seu Sangue, para nos comunicar sua Vida. Fomos criados para isso, e nossa Santa Missa nos dá o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Seu Sacrifício continua realmente, Nosso



Senhor está realmente presente com seu Corpo, com seu Sangue, com sua Alma e com sua Divindade.

Para isto Ele criou o Sacerdócio e para isto há novos sacerdotes. E é por isso que queremos fazer sacerdotes que continuarão a Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo. Toda a grandeza, a sublimidade do Sacerdócio, a beleza do sacerdote é celebrar a Santa Missa, pronunciar as palavras da Consagração, fazer descer Nosso Senhor Jesus Cristo sobre o altar, continuar seu Sacrifício da Cruz, derramar seu Sangue sobre as almas pelo Batismo, pela Eucaristia, pelo Sacramento da Penitência. Oh! a beleza, a grandeza do sacerdócio, uma grandeza da qual não somos dignos! da qual nenhum homem é digno. Nosso Senhor Jesus Cristo quis fazer isso. Que grandeza! Que sublimidade!

E isto é o que compreenderam nossos jovens sacerdotes. Estai seguros de que eles o compreenderam. Amaram a Santa Missa durante todo seu seminário. Penetraram seu mistério. Não penetrarão nunca em seu mistério de uma forma perfeita inclusive se Deus nos concedesse uma longa vida aqui embaixo. Mas ama sua Missa e penso que compreenderam e que compreenderão sempre melhor que a Missa é o sol de sua vida, a razão de ser de sua vida sacerdotal, para dar Nosso Senhor Jesus Cristo às almas e não simplesmente para partir um pão da amizade no qual já não se encontra Nosso Senhor Jesus Cristo. E, por conseguinte, a graça já não existe em algumas Missas que seriam puramente uma Eucaristia, puramente significação e símbolo de uma espécie de caridade humana entre nós.

Eis aí por que estamos aferrados à Santa Missa. E a Santa Missa é a expressão do Decálogo. O que é o Decálogo senão o amor de Deus e o amor do próximo? O que realiza melhor o amor de Deus e o amor do próximo senão o Santo Sacrifício da Missa? Deus recebe toda glória por Nosso Senhor Jesus Cristo e por seu Sacrifício. Não pode existir um ato de caridade maior em direção aos homens que o Sacrifício de Nosso Senhor. Ele mesmo, Nosso Senhor Jesus Cristo, o disse: há um ato maior de caridade que dar sua vida por aqueles a quem se ama?



Por conseguinte, se realiza no Sacrifício da Missa o Decálogo: o maior ato de amor que Deus possa ter por parte de um homem e o maior ato de amor que possamos ter por parte de Deus para conosco. Eis aqui o que é o Decálogo: é nosso catecismo vivo. O Santo Sacrifício da Missa está ali continuando o Sacrifício da Cruz. Os Sacramentos não são senão a irradiação do Sacramento da Eucaristia. Todos os Sacramentos são, de certa forma, como satélites do Sacramento da Eucaristia. Do Batismo à Extrema-unção, passando por todos os demais sacramentos, não são senão a irradiação da Eucaristia, porque toda graça vem de Jesus Cristo que está presente na Sagrada Eucaristia.

Pois bem, o sacramento e o sacrifício estão intimamente unidos na Missa. Não se pode separar o sacrifício do sacramento. O Catecismo do Concílio de Trento o explica magnificamente. Existem duas grandes realidades no Sacrifício da Missa: o sacrifício e o sacramento, o sacramento dependente do sacrifício, fruto do sacrifício.

Isso é toda nossa santa religião e por isso estamos aferrados à Santa Missa. Compreendereis talvez melhor agora do que o compreendestes até hoje por que defendemos esta Missa, a realidade do Sacrifício da Missa. Ela é a vida da Igreja e a razão de ser da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo. E a razão de ser de nossa existência é unir-nos a Nosso Senhor Jesus Cristo no Sacrifício da Missa. Então, se se quer desnaturar nossa Missa, arrancar-nos de certa forma nosso Sacrifício da Missa, começamos a gritar! Estamos sendo desgarrados e não queremos ser separados do Santo Sacrifício da Missa.

Eis aqui por que mantemos firmemente nosso Sacrifício da Missa. E estamos persuadidos de que nosso Santo Padre o Papa não o proibiu e não poderá nunca proibir que se celebre o Santo Sacrifício da Missa de sempre. Por outro lado, o Papa São Pio V disse de forma solene e definitiva, que aconteça o que acontecer no futuro não se poderia nunca impedir a um sacerdote a celebração deste Sacrifício da Missa e que todas as excomunhões, todas as suspensões, todas as penas que poderiam sobrevir a um sacerdote pelo fato de celebrar este Santo Sacrifício seriam nulas de pleno direito. Para o porvir: *“in futuro, in perpetuum”*.



Por conseguinte, temos a consciência tranquila, aconteça o que acontecer. Se podemos estar com a aparência da desobediência, estamos na realidade da obediência. Eis aqui nossa situação. E convém que a digamos, que a expliquemos, porque somos nós os que continuamos a Igreja. Os que desnaturaram o Sacrifício da Missa, os Sacramentos, nossas orações, os que põem os Direitos do homem no lugar do Decálogo, que transformam nosso Credo, são eles quem estão na realidade da desobediência. Pois bem, isto é o que se faz pelos novos catecismos de hoje. É por isso que sentimos uma pena profunda de não estar em perfeita comunhão com os autores dessas reformas... e o lamentamos infinitamente! Queria imediatamente ir ver Dom Rozier para lhe dizer que estou em perfeita comunhão com ele. Mas me é impossível, se Dom Rozier condena essa Missa que celebramos, poder estar em comunhão com ele, pois esta Missa é a da Igreja. E os que rejeitam esta Missa já não estão em comunhão com a Igreja de sempre.

É inconcebível que Bispos e sacerdotes que foram ordenados para esta Missa e com esta Missa, que a celebraram durante talvez vinte, trinta anos de sua vida sacerdotal, a persigam agora com um ódio implacável, nos tirem das igrejas, nos obriguem a dizer Missa aqui, ao ar livre, quando estão feitas para serem celebradas, precisamente, nessas igrejas construídas para dizer essas Missas. E, não é verdade que o próprio Dom Rozier disse a um de vós que se fôssemos hereges e cismáticos nos daria igrejas para celebrar nossas Missas? É uma coisa inverossímil. E por conseguinte, se já não estivéssemos em comunhão com a Igreja e fôssemos hereges ou cismáticos, Dom Rozier nos daria igrejas. Assim pois, é evidente que ainda estamos em comunhão com a Igreja.

Eis aqui uma contradição em sua atitude que os condena. Sabem perfeitamente que estamos na verdade, porque não se pode estar fora da verdade quando se continua o que se fez durante dois mil anos, porque se crê unicamente no que se creu durante dois mil anos. Isto não é possível.

Mais uma vez, devemos repetir esta frase e repeti-la sempre: *“Jesus Christus heri, hodie et in saecula”*. Se estou com o Jesus Cristo de ontem, estou com o Jesus Cristo de hoje e estou com o Jesus Cristo de amanhã. Não posso estar com o Jesus Cristo de ontem sem



estar com Aquele de amanhã. E porque nossa Fé é a do passado o é também a do futuro. Se não estamos com a Fé do passado, não estamos com a Fé do presente, não estamos com a Fé do porvir. Eis aí o que é necessário crer sempre, eis aí o que é necessário manter a todo custo e sem o qual não poderíamos nos salvar.

Peçamos hoje de maneira particular para estes queridos sacerdotes, para este querido Padre, aos Santos protetores do *Poitou*: em especial, a Santo Hilário, a Santa Radegunda, que tanto amou a Cruz – foi ela quem trouxe aqui, a esta terra da França a primeira relíquia da verdadeira Cruz; ela amava a Cruz e tinha uma grande devoção pelo Sacrifício da Missa – e, finalmente, ao Cardeal Pie que foi um admirável defensor da Fé católica durante o século passado. Peçamos a estes protetores do *Poitou* que nos concedam a graça de combater sem ódio, sem rancor.

Não sejamos nunca daqueles que buscam polemizar, desunir e ferir o próximo. Amemo-los de todo coração, mas mantenhamos nossa Fé. Mantenhamos a todo custo a Fé na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Peçamos à Santíssima Virgem Maria. Ela não pode não ter tido a fé perfeita na divindade de seu Divino Filho. Ela o amou com todo seu coração. Ela esteve presente no Santo Sacrifício da Cruz. Peçamos a Fé que Ela tinha.

Em nome do Pai...



III – Ensaio de síntese dos erros em curso no interior da Igreja desde o Concílio Vaticano II

Ecône, 20 de junho de 1977

Depois de doze anos de período pós-conciliar, é mais fácil de realizar um ensaio de síntese dos graves erros que já no Concílio e desde o Concílio infestam a Igreja e condicionam a atitude daqueles que têm as maiores responsabilidades na Igreja, a tal ponto que para bom número deles uma pessoa pode legitimamente se perguntar se ainda tem a fé católica e, em consequência, se ainda tem sua jurisdição.

Me parece que se pode, racional e objetivamente, pensar que os autores dessa mutação aparecida na Igreja com o Concílio Vaticano II buscaram com vigor esta mudança tendo como objetivo um novo humanismo, como já o queriam os pelagianos, como o fizeram os autores do Renascimento.

Essas pessoas, já antes do Concílio, Cardeais Montini, Bea, Frings, Liénart, etc., consideraram que se devia *buscar uma nova via para universalizar a Igreja*, para fazê-la aceitável ao mundo moderno tal como é com suas falsas filosofias, suas falsas religiões, seus falsos princípios políticos e sociais.

Preferiram deixar na sombra a via da Fé, demasiada intolerante para o erro e para o vício, demasiada vantajosa para a Igreja Católica Romana e, em consequência, demasiada exigente, que obriga a um combate e a uma vigilância contínuas ao colocar a Igreja e o “mundo” num estado de perpétua hostilidade.

Essa nova via não poderia ser senão um renascimento de um humanismo acolhedor para tudo o que é ou parece humanamente bom e aceitável no erro e no vício. Sob essa ótica, se poderia realizar uma união universal de todas as culturas e as ideologias sob a égide da Igreja.



Imagina-se imediatamente o que representa como distanciamento da Fé tal desígnio: se tem que esfumçar o pecado original, abandonar a ideia de que unicamente a Igreja Católica é a Verdade e a possui, que Ela é a única via de salvação; que nenhum ato é meritório sem a união com Nosso Senhor.

A Verdade não será mais o critério da Unidade senão um “fundo comum de sentimento religioso”, de pacifismo, de liberdade, de reconhecimento dos direitos do homem...

Não saberia insistir mais para mostrar como este novo humanismo não é senão o término daquele do Renascimento; depois de vários séculos de naturalismo e, especialmente desde o século XVIII, os filósofos subjetivistas e ateus, ao rejeitar o pecado original e em consequência a necessidade da Redenção e da Encarnação, negaram a Divindade de Nosso Senhor, juntando-se a muitas seitas protestantes.

O liberalismo católico ou falso católico agiu como um “cavalo de Tróia” para que esses falsos princípios penetrassem no interior da Igreja. Quiseram “desposar a Igreja com a Revolução”. Esses esforços abriram caminho ajudados pelas sociedades secretas e pelos governos laicos e democráticos; os membros mais eminentes da Igreja foram contaminados: teólogos, Bispos, Cardeais, seminários, universidades foram atraídos pouco a pouco por essas ideias universalistas, opostas fundamentalmente à fé católica.

Para a realização desse universalismo, é preciso suprimir o que é específico da Fé católica, que se opõe necessariamente a esse “fundo comum” que permite a união universal.

O meio preconizado é “o ecumenismo”.

O ecumenismo permitirá a todos os grupos humanos importantes, representativos de uma religião ou ideologia, entrar em contato com a Igreja e manifestar à Igreja as condições que estimam que devem exigir da Igreja para uma união universal.

Os maiores obstáculos são aqueles que afirmam e expressam a Verdade da Igreja, sua unidade, a absoluta necessidade da unidade na Fé católica; que a Igreja é o único caminho



de salvação; que possui o único Sacerdócio de Cristo; que proclama a necessária Realeza social de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em consequência:

- é necessário modificar a Liturgia;
- é necessário modificar o Sacerdócio e a Hierarquia;
- é necessário modificar o ensino do catecismo, a concepção da Fé católica; daí a mudança do magistério nas universidades, seminários, escolas, etc.;
- é necessário modificar a Bíblia e constituir uma Bíblia “ecumênica”;
- é necessário suprimir os Estados católicos e aceitar o “direito comum”;
- é necessário atenuar o rigor moral substituindo a lei moral pela consciência.

O princípio que ajudará a reduzir os obstáculos será o da filosofia subjetiva, porque a filosofia do ser, a filosofia escolástica, obriga a inteligência a se submeter a uma realidade externa, a Deus, a suas leis, como a fé católica exige a adesão da inteligência às verdades reveladas, ao Credo, ao Decálogo, às instituições divinas.

A filosofia subjetiva deixa a Verdade e a moral à criatividade e à iniciativa pessoal de cada indivíduo. Ninguém pode ser obrigado a aderir à Verdade e a seguir sua lei.

Esta concepção da Verdade e da lei moral volta às realidades relativas às pessoas, às sociedades, às épocas. Ela está na base dos Direitos do homem. Pode-se advertir esta concepção nos documentos oficiais da Igreja e dos Episcopados.

A concepção desta Fé subjetiva, conforme a doutrina modernista, se encontra na maioria dos novos catecismos, nos documentos de catequese, na nova eclesiologia: Igreja viva submissa ao Espírito que a adapta às condições modernas. O Pentecostalismo é uma manifestação dela.

Taizé compartilha esta forma de conceber a religião.



O Espírito se manifesta em cada indivíduo de uma forma diferente.

As reformas que foram impostas à Igreja desde o Concílio foram realizadas com este novo espírito: a investigação, a criatividade, o pluralismo, a diversidade; espírito que se opõe radicalmente à verdadeira concepção da Verdade e da Fé, de tal forma, que unicamente esta concepção será combatida e considerada como inadmissível.

Porque é evidente que a Verdade é intolerante com o erro, que a virtude não tolera o vício, que a lei não tolera a licença. É preciso fazer uma eleição.

É necessário julgar desta forma todas as reformas cumpridas em nome do Concílio e a justo título em nome do Concílio, porque o Concílio abriu horizontes até então proibidos pela Igreja:

- admissão dos princípios de um falso humanismo;
- liberdade de cultura, de religião, de consciência;
- respeito, quando não é admissão do erro, ao mesmo título que a verdade.

A suspensão das excomunhões concernentes ao erro e à imoralidade públicas é um estímulo cujas consequências são incalculáveis.

Seria necessário estudar cada reforma em particular para descobrir a aplicação desses falsos princípios no concreto.

Uma das mais graves e mais características é a mudança de atitude da Santa Sé diante da Realeza Social de Nosso Senhor Jesus Cristo. A modificação dos textos litúrgicos da festa de Cristo Rei é significativa. O alento à laicidade da Sociedade civil é uma consequência imediata disso.



IV - Enumeração dos fatos

Enumeração dos fatos que, tomados separadamente, podem parecer insignificantes mas que, vistos à luz do novo humanismo, tomam uma significação que causa estupefação:

- Visita à ONU e apoio a esta organização maçônica, inimiga de tudo o que é católico.
- Visita à sala de cultos da ONU, verdadeiro templo maçônico.
- Abandono da tiara, sinal de poder do pontificado.
- Negação de condenar o comunismo no Concílio.
- Presença incômoda de observadores de todas as religiões nas sessões do Concílio.
- Nomeamento dos quatro moderadores.
- Intervenção de uma mulher no Concílio.
- Viagem a Israel. Contato com o Grande Rabino.
- Abraços a Atenágoras com levantamento da excomunhão. Atenágoras teve um enterro maçônico.
- Intervenção contra o “*Coetus internationalis Patrum*” mas apoio aos Cardeais liberais.
- Entrega do anel papal a Ramsay, em São Paulo extra-muros. Ramsay, leigo, maçom e herege. Bênção dada com o Papa a toda a Igreja presente: Cardeais, Bispos, clero, etcétera.
- Visita a Bogotá para manter as reivindicações dos “camponeses” e indiretamente dos “guerrilheiros”.
- Visita às Filipinas para chegar a Hong Kong, onde devia pronunciar um discurso pró-comunista, mas foi proibido pelo governador de Hong-Kong.



- Decreto para os matrimônios mistos, sem exigir o batismo católico dos filhos.
- Nomeação de uma comissão para a pílula (anticoncepcional), com espera de dois anos para decidir!
- Decreto sobre a hospitalidade eucarística, que permite aos protestantes receber a Eucaristia.
- Secretariado para a unidade com declarações filo-luteranas.
- Secretariado para os não-cristãos.
- Supressão das festas de preceito.
- Supressão do jejum eucarístico.
- Supressão da abstinência.
- Autorização das Missas do sábado para o domingo.
- Autorização para a incineração.
- Concelebração de pastores anglicanos no Vaticano.
- Bênção aos pentecostais dançando e uivando em São Pedro.
- Beijos de pés à ortodoxia.
- Entrega aos muçulmanos da bandeira de Lepanto.
- Entrega da cabeça de São Tiago Apóstolo aos ortodoxos.

E todas as grandes reformas:

- Reforma litúrgica.
- Reforma dos seminários.



- Democratização das instituições: sínodo de Bispos em Roma; conferências episcopais sem delimitação precisa de poderes; conselhos presbiteriais diocesanos.
- Reforma da Cúria Romana e especialmente do Santo Ofício. Centralização.
- Reforma da nomeação dos Bispos.
- Revisão e modernização de todas as Constituições das sociedades religiosas.
- Renúncia obrigatória dos Bispos aos 75 anos.
- Perda do direito para o Conclave aos Cardeais de 80 anos.



V – Ecône diante da perseguição

Na festa de São Vicente de Paulo, 19 de julho de 1975

A todos que se perguntam sobre nossa obra, sobre o Seminário de Ecône, sobre nossa atitude na perseguição que suportamos por parte dos Bispos, e agora de Roma, pedimos-lhes responder a estas questões tão simples para alguns fiéis da Igreja Católica: Por que a Igreja? Por que o sacerdócio, o Santo Sacrifício da Missa, os Sacramentos?

Se sua resposta é conforme à doutrina da Igreja tal como sempre foi ensinada, terá a resposta ao porquê de Ecône.

Esta é a primeira resposta essencial e fundamental.

Um segundo problema nos ocorre de imediato: como é concebível que a Hierarquia atual possa contradizer esta doutrina?

A primeira resposta é dada por nossa Fé católica, a segunda é dada pela história religiosa dos últimos séculos que sofreram a influência do protestantismo.

O protestantismo, por suas teorias liberais, suscitou em todos os campos uma revolução total contra a cristandade, concebida segundo os princípios da sã filosofia e da Fé católica.

As teorias são resumidas nas três palavras: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, concebidas contra a autoridade de Deus e contra toda autoridade, trouxeram a ruína da sociedade civil católica, a ruína da economia organizada, e pouco a pouco, a laicização dos Estados com todas as consequências imorais, inimigas da lei de Deus e da Igreja.

Pois bem, estes mitos sanguinários do liberalismo sempre seduziram a alguns católicos sentimentais e cuja fé era pouco ilustrada. As filosofias liberais, as organizações



revolucionárias também tiveram um forte poder de atração sobre os meios intelectuais e populares descristianizados.

Esta atmosfera liberal também exerceu uma crescente influência na Igreja por meio das universidades, dos falsos teólogos, dos organismos católicos, e se difundiu nos seminários, no clero e nos Bispos e até nos meios eclesiásticos romanos. Pode-se pensar simplesmente no “Sillon”, depois em Emmanuel Mounier, em Maritain e, finalmente, em Teilhard de Chardin.

O liberalismo persegue com pertinácia uma harmonia impossível entre a Verdade e o Erro, a Virtude e o Vício, a Luz e as Trevas, entre a Igreja Católica e o mundo com todos os seus desenfreios. Os Papas bem o compreenderam até João XXIII e se um ou outro cedesse às vezes às pressões dos liberais como Leão XIII e Pio XI, lamentaram-no em seguida e seus sucessores procuraram reparar os erros cometidos.

Pois bem, é evidente que o Concílio Vaticano II permitiu às ideias liberais ter direito de cidadania na Igreja. As ideias de liberdade, de primazia da consciência, de fraternização com o erro pelo ecumenismo, a liberdade religiosa, a laicização dos Estados, podem encontrar apoio na orientação geral do Concílio.

Pode-se ler o diário do Concílio de Fesquet e compreender-se-á por que os franco-maçons, os protestantes e até os comunistas aplaudiram as orientações deste Concílio.

A aplicação do Concílio é, por outro lado, uma prova evidente desta influência liberal – o ecumenismo é o *leitmotiv* das reformas.

Pois bem, é próprio dos liberais afirmar a tese e agir segundo a hipótese sem se lembrar mais dos princípios afirmados, de onde se vê essa dupla face ortodoxa e heterodoxa. Assim na prática, os liberais não têm inimigos à esquerda, mas lutam com afinco contra os defensores da ortodoxia, contra os que agem em conformidade com os princípios católicos.

E isto nos explica por que Ecône e todos os verdadeiros católicos são duramente perseguidos pela Roma ocupada pelos liberais.



- Já que nomeamos Roma, como conciliar a difusão e a execução dos erros liberais por Roma e a infalibilidade da Igreja e do Papa?

Este será um tema de tese para os futuros doutores em teologia. Seria necessário sim encontrar uma solução e alguns já trataram de dá-la, mas eu diria com boa vontade que isso pouco nos importa quando se trata de julgar fatos ou escritos. A malícia dos atos ou das afirmações contrárias à Fé não se julgam com relação à infalibilidade. Quando alguém escreve que “a liberdade religiosa pede que os grupos religiosos não sejam impedidos de manifestar livremente a eficácia singular de sua doutrina para organizar a sociedade e vivificar toda a atividade humana”, me vejo obrigado a concluir que esta pessoa professa o indiferentismo religioso condenado pela doutrina e pelo magistério da Igreja. Pois bem, este é um exemplo, e dos menores, do que professa o Vaticano II. Poder-se-iam citar páginas inteiras de textos imbuídos dos erros liberais.

- Diante desta difusão dos erros liberais pelos organismos oficiais da Santa Sé e, o que está na lógica do liberalismo inclusive católico, diante da perseguição violenta contra os fiéis ortodoxos, o que fazer?

Manter a Fé católica e as instituições divinas ou tradicionais para a conservação e a propagação da Fé católica e da vida divina nas almas: famílias católicas, escolas católicas, paróquias católicas, seminários católicos, faculdades católicas, esperando que Roma seja liberada dos liberais que a ocupam.

Viver da Fé sobrenatural na oração, no Santo Sacrifício da Missa, dos Sacramentos, da oração constante, uma confiança indefectível em Nosso Senhor e na Virgem Maria.

Pregar a Fé, ou seja, Nosso Senhor Jesus Cristo, em todas as ocasiões, especialmente pelos exercícios espirituais.

- O que fará o Seminário de Ecône e sua Fraternidade?

Eles continuarão e continuam, porque a Igreja liberal e modernista que ocupa a verdadeira Igreja amordaçada não tem nenhum direito de ser obedecida, ainda mais, se



deve desobedecê-la ao não ser suas ordens e suas orientações as da Igreja Católica. Eles destroem a Igreja. Não podemos colaborar na destruição da Igreja, não queremos nos tornar protestantes.

- O que farão mais tarde os sacerdotes de Ecône?

Multiplicarão os seminários para a conservação e a multiplicação do sacerdócio católico, porque este é o fim principal da Fraternidade Sacerdotal São Pio X.

Depois, far-se-ão missionários nos priorados, onde agrupados de três ou quatro, rezarão juntos, irradiarão sobre uma região para pregar Nosso Senhor Jesus Cristo e levar os Sacramentos, especialmente o Santo Sacrifício da Missa.

Manterão espiritualmente as escolas verdadeiramente católicas.

No priorado, uma casa de exercícios espirituais lhes permitirá santificar os fiéis de toda idade e de toda categoria. As religiosas e os irmãos os ajudarão neste apostolado.

Desta forma, reconstruirão a cristandade, estabelecida sobre uma Fé viva e atuante.

Este é um programa cheio de entusiasmo para todo sacerdote digno desse nome: recriar a cristandade ao redor e por meio do altar do Sacrifício. Deste modo serão resolvidos todos os problemas familiares, sociais e políticos.

Para a glória de Deus, de Nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, para a honra da Igreja Católica, para a honra do Sucessor de Pedro, para a salvação das almas, suplicamos aos sacerdotes que têm consciência da gravidade da crise que padece a Igreja, se unam a nós para salvar o sacerdócio católico, a Fé católica e para a salvação das almas.

Manter a Fé e as instituições que durante dois mil anos santificaram a Igreja e as almas não pode ser de forma alguma uma causa para romper a comunhão com a Igreja; ao contrário, este é o critério da união com a Igreja e com o Sucessor de Pedro. É, por outro lado, este mesmo critério o que julga a legitimidade da sucessão sobre a sé de Pedro e as sés episcopais.



VI – “Os três principais dons que Deus nos fez: O Papa, a Santíssima Virgem e o Sacrifício Eucarístico”.

Homilia de S.E.R. Dom Marcel Lefebvre na ocasião do 30º aniversário de sua consagração episcopal

Ecône, 18 de setembro de 1977

Caríssimos irmãos, caros amigos:

A Providência tem delicadezas, pois quis que este novo começo de ano do seminário coincida com o aniversário de minha sagração episcopal, que aconteceu em 19 de setembro de 1947 em minha cidade natal (Tourcoing, no norte da França). A pedido de amigos, quisemos festejar de uma forma particular este aniversário.

Pois bem, esta manhã lemos no breviário as leituras de Tobias. Dizia-se que o jovem Tobias, quando se encontrava rodeado de judeus, de homens de sua raça que adoravam os bezerros de ouro estabelecidos pelo próprio rei de Israel, ele, ao contrário, ia fielmente ao templo e oferecia os sacrifícios previstos pela lei tal como o próprio Deus o havia pedido. Ele era, pois, fiel à lei de Deus.

E bem, esperemos que sejamos nós também fiéis a Deus, fiéis a Nosso Senhor Jesus Cristo. E Tobias logo foi levado ao cativeiro em Nínive, e ali, diz a Sagrada Escritura, quando todos os seus compatriotas submetiam-se ao culto pagão que os rodeava, guardou igualmente a Verdade: “*retinuit omnem veritatem*”. Ele conservou a Verdade. Creio que é uma lição que nos dá a Sagrada Escritura, e esperamos que também nós sejamos fiéis como Tobias o foi, fiel em sua juventude, fiel mais tarde no cativeiro. Não é verdade que hoje em dia estamos, de certa forma, em um cativeiro que nos rodeia por todas as partes, se manifesta por todas as partes, nos é imposta pelos que se submetem ao espírito maligno, no mundo e até no interior da Igreja, pelos que destroçam a Verdade, a têm em escravidão ao



invés de manifestá-la, de mostrá-la? Estamos num mundo escravo do demônio, escravo de todos os erros deste mundo.

Mas queremos guardar a Verdade, queremos-la continuar manifestando. E qual é, por conseguinte, esta Verdade? Nós temos seu monopólio? Somos a tal ponto presunçosos que podemos dizer: nós temos a Verdade, os outros não a tem? Esta Verdade não nos pertence, não vem de nós, não foi inventada por nós. Esta Verdade nos é transmitida, nos é dada, está escrita, está viva na Igreja e em toda a história da Igreja. Esta Verdade é conhecida, está em nossos livros, em nossos catecismos, em todas as atas dos Concílios, nas atas dos Sumos Pontífices, está em nosso Credo, em nosso Decálogo, nos dons que o Bom Deus nos concedeu: o Santo Sacrifício da Missa e os sacramentos. Não somos nós quem a inventamos. Não fazemos nada além de perseverar na Verdade.

Porque a Verdade tem um caráter eterno. A Verdade que professamos é Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo que é Deus, e Deus não muda. Deus permanece na imutabilidade, São Paulo é quem nos diz: *“Nec vicissitudinis obumbratio”*. Não há nem sequer uma sombra de vicissitude nEle, uma sombra de mudança em Deus. Deus é imutável, *“semper idem”*, sempre o mesmo. Ele é, certamente, Ele, a fonte de tudo o que muda, de tudo o que se move no universo, mas Ele é imutável.

E pelo mesmo fato de que professamos Deus como Verdade, entramos, de alguma forma, pela Verdade na eternidade. Não temos direito a mudá-la, esta Verdade não pode mudar, não mudará jamais.

Os homens foram colocados neste mundo para receber um pouco desta luz da eternidade que descende sobre eles. De alguma forma se tornam, eles também, eternos, imortais, na medida em que se aferram à Verdade de Deus. Na medida em que se aferram nas coisas que mudam, as coisas mutáveis, não estão mais com Deus. E é disto que sentimos necessidade. Todos os homens sentem essa necessidade. Têm neles uma alma imortal que agora está na eternidade, alma que será feliz ou desgraçada, mas esta alma existe, já não morrerá, isto é definitivo.



Os homens, todos os que nasceram, todos os que têm uma alma entraram na eternidade. E por isso têm necessidade das coisas eternas, da verdadeira eternidade que é Deus. Não podemos nos privar dEle, isto forma parte de nossa vida, é o que há de mais essencial em nós. Eis aqui por que os homens buscam a Verdade, a eternidade, porque têm em si mesmos uma necessidade essencial de eternidade.

E quais são os meios mediante os quais Nosso Senhor nos deu a eternidade, no-la comunica, nos faz entrar em nossa eternidade, inclusive aqui embaixo? Com frequência, quando atravessava esses países da África, quando me pediam que visitasse as dioceses, elegia um tema que me era querido, muito sensível por outro lado e que já ouvistes muitas vezes mas que concretizava, para esses povos simples a quem tinha que falar, a Verdade. Eu lhes dizia: mas quais são os dons que Deus nos deu que nos fazem participar da vida divina, da vida eterna e que começam a nos pôr na eternidade?

Há três principais dons que Deus, que Nosso Senhor nos fez: o Papa, a Santíssima Virgem e o Sacrifício Eucarístico.

O Papa

E, em efeito, é um dom extraordinário que Deus fez ao nos dar o Papa, ao nos dar os sucessores de Pedro, ao nos dar justamente esta perenidade na Verdade que nos é comunicada pelos sucessores de Pedro, que deve ser comunicada pelos sucessores de Pedro. E parece inconcebível que um sucessor de Pedro possa faltar, de alguma forma, à comunicação da Verdade que deve transmitir, porque não pode – sem quase desaparecer da geração dos Papas – não comunicar o que os Papas sempre comunicaram: o depósito da fé, que tampouco lhe pertence.

A Verdade do depósito da Fé não pertence ao Papa. É um tesouro de Verdade que foi ensinada durante vinte séculos. E ele o deve transmitir fiel e exatamente a todos aqueles aos quais está encarregado de falar, de comunicar a Verdade do Evangelho. Ele não é livre.



E, por conseguinte, na medida em que sucedesse. Por circunstâncias absolutamente misteriosas que não podemos compreender, que superam nossa imaginação, que superam nossa concepção, se sucedesse que um Papa, que o que está sentado na sé de Pedro viesse a obscurecer de alguma forma a Verdade que deve transmitir, ou a já não transmiti-la fielmente, ou a deixar difundir a obscuridade do erro, a esconder de certa forma a verdade, nesse caso devemos rogar a Deus com todo nosso coração, com toda nossa alma, para que se faça a luz naquele que está encarregado de transmiti-la.

Mas não podemos mudar de Verdade por isso, cair no erro, seguir o erro, porque aquele que foi encarregado de transmitir a Verdade fosse débil e deixasse difundir o erro ao seu redor. Não queremos que nos invadam as trevas. Queremos permanecer na luz da Verdade. Permanecemos na fidelidade ao que foi ensinado durante dois mil anos. Porque é inconcebível que o que foi ensinado durante dois mil anos e que é, como vos disse, uma parte da eternidade, possa mudar.

Porque é a eternidade a que nos foi ensinada, é Deus eterno, é Jesus Cristo Deus eterno, e tudo o que está fixado em Jesus Cristo está fixado na eternidade, tudo o que está fixado em Deus está fixado para a eternidade. Nunca se poderá mudar a Trindade, nunca se poderá mudar o fato da obra redentora de Nosso Senhor Jesus Cristo pela Cruz, pelo Sacrifício da Missa. São coisas eternas que pertencem à eternidade, que pertencem a Deus.

Como alguém aqui embaixo poderia mudar estas coisas? Que sacerdote se sentiria no direito de mudar estas coisas, de modificá-las? Impossível, impossível!

Quando conservamos o passado, conservamos o presente e conservamos o porvir. Porque é impossível, eu diria metafisicamente, divinamente impossível, separar o passado do presente e do porvir. Impossível! Ou Deus não é mais Deus! Ou Deus não é mais eterno! Ou Deus não é mais imutável.

E então não há nada mais que crer, estamos no erro, completamente.

É por isso que, sem preocupar-nos por tudo o que passa ao nosso redor hoje em dia, deveríamos fechar os olhos diante do horror do drama que vivemos, fechar os olhos,



afirmar nosso Credo, nosso Decálogo, meditar no Sermão da Montanha que é igualmente nossa lei, aferrar-nos ao Santo Sacrifício da Missa, aferrar-nos aos Sacramentos, esperando que a luz se faça novamente ao nosso redor. Isso é tudo.

Eis aqui o que devemos fazer e não entrar em rancores, em violências, em um estado de espírito que não seria fiel a Nosso Senhor, que não estaria na caridade.

Fiquemos, permaneçamos na caridade; oremos, soframos, aceitemos todas as provas, tudo o que nos possa acontecer, tudo o que o Bom Deus possa nos enviar. Façamos como Tobias: todos os seus o haviam abandonado, eles adoravam os bezerros de ouro, adoravam os deuses pagãos, ele permanecia fiel.

E, no entanto, ele mesmo talvez pudesse pensar que estando completamente só na fidelidade, se arriscava a faltar à verdade. Mas não, *ele sabia que o que Deus havia ensinado a seus pais não poderia mudar*. A Verdade de Deus existia e não podia mudar. Nós também devemos nos apoiar sobre a Verdade que é Deus, ontem, hoje e amanhã. *“Jesus Christus heri, hodie et in saecula”*.

E por isso eu diria: devemos guardar a confiança no papado, devemos guardar a confiança no sucessor de Pedro, enquanto é sucessor de Pedro. Mas se porventura ele não for perfeitamente fiel a sua função, então devemos permanecer fiéis aos sucessores de Pedro e não a quem não seria o sucessor de Pedro. Isto é tudo. De fato, ele está encarregado de nos transmitir o depósito da fé.

A Santíssima Virgem Maria

O segundo dom é o da Santíssima Virgem Maria.

A Santíssima Virgem Maria, Ela, não mudou nunca. Imaginai que a Santíssima Virgem Maria pudesse mudar sobre a ideia que se poderia fazer da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Divino Filho, sobre o sacrifício da Cruz que Ele devia padecer, sobre a obra da Redenção! A Santíssima Virgem pôde mudar um ápice em sua Fé? Pôde, em



alguma época de sua vida, ter dúvidas, cair no erro? Pôde duvidar da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, duvidar da Santíssima Trindade, Ela que estava cheia do Espírito Santo? Impossível, inconcebível!

Ela já estava aqui embaixo na eternidade. A Santíssima Virgem Maria, por sua Fé, uma Fé imutável, profunda, não podia ser turbada de forma alguma, isso é evidente. A esta santa Mãe devemos pedir que tenhamos sua fidelidade, “*Virgo fidelis*”, Virgem fiel.

Não nos deixemos levar pelos ruídos que nos rodeiam; fidelidade, fidelidade, como a Santíssima Virgem Maria.

E acrescentaria sobre a Santíssima Virgem Maria uma coisa que me parece importante para nós no momento que vivemos atualmente. A cada momento nos é dito: Nossa Senhora fez isto, aquilo, Nossa Senhora apareceu aqui, Nossa Senhora comunicou tal mensagem a tal pessoa. Certamente, não somos contra a possibilidade de uma palavra que a Santíssima Virgem possa dirigir a pessoas de sua escolha, evidentemente. Mas estamos em um período tal, neste momento, que devemos desconfiar, devemos desconfiar.

O lugar da Santíssima Virgem Maria na teologia da Igreja, na Fé da Igreja, é, na minha opinião, infinitamente suficiente para que a amemos sobre todas as criaturas depois de Nosso Senhor Jesus Cristo, e para que tenhamos nela uma devoção que seja uma devoção profunda, contínua, cotidiana.

Não é necessário para nós que tenhamos de recorrer constantemente a mensagens das quais não estamos absolutamente certos se vêm ou não da Santíssima Virgem. Não falo das aparições que foram e são abertamente reconhecidas pela Igreja. Mas devemos ser muito prudentes no que concerne aos rumores que ouvimos hoje de todos os lados. A cada instante recebo pessoas ou comunicados que me seriam enviados por parte da Santíssima Virgem, ou de Nosso Senhor, uma mensagem recebida ali, outra recebida acolá. Desejamos que Nossa Senhora esteja entre nós todos os dias.

Mas Ela está, o sabemos, Ela está conosco. Ela está presente em todos os nossos Sacrifícios da Missa. Ela não pode se separar da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nossa



devoção à Santíssima Virgem deve ser profunda, perfeita, mas não deve depender de alguma mensagem particular.

O Sacrifício Eucarístico

Finalmente, o terceiro dom de Nosso Senhor Jesus Cristo: o Sacrifício Eucarístico.

Deus, Jesus Cristo, se dá Ele mesmo a nós mediante o Sacrifício Eucarístico. O que poderia fazer de mais belo? e a que devemos estar mais aferrados senão ao Santo Sacrifício da Missa? Com frequência o digo aos seminaristas: se a Fraternidade Sacerdotal São Pio X tem uma espiritualidade especial – não desejo que tenha uma espiritualidade especial, não é que critique aos fundadores de Ordens como Santo Inácio, São Domingos e São Vicente de Paulo, etc., em uma palavra, aos que quiseram dar um selo especial a sua congregação, selo que sem dúvida era querido pela Providência no momento em que eles viveram –, penso que se há um selo particular em nossa Fraternidade Sacerdotal São Pio X, é a devoção ao Santo Sacrifício da Missa.

Que nossos espíritos, nossos corações, nossos corpos sejam como que cativados pelo grande mistério do Santo Sacrifício da Missa. E, na medida em que compreendemos melhor este grande mistério do Sacrifício da Missa e da Eucaristia, porque o Sacrifício e o Sacramento estão unidos, são as duas grandes realidades do Sacrifício da Missa; na medida na qual aprofundaremos essas coisas, compreenderemos também melhor o que é o sacerdócio, a grandeza do sacerdócio.

Porque está unido intimamente, eu diria metafisicamente, ao Sacrifício da Missa. E isso é muito importante na época atual.

Temos necessidade disso, meus queridos amigos. Tendes necessidade de estar cativados por esta espiritualidade do Santo Sacrifício da Missa. Não somente os sacerdotes, por outro lado, senão também nossos religiosos, nossos irmãos, nossas religiosas e todos os leigos hoje, todos nossos queridos fiéis que estão aqui presentes. Devemos ter pelo Santo



Sacrifício da Missa uma devoção maior que nunca, porque ela é o fundamento, a pedra fundamental de nossa Fé.

Na medida em que já não temos esta devoção ao Santo Sacrifício da Missa, na medida em que fazemos deste Sacrifício uma simples comida, na medida em que as ideias protestantes se introduzem entre nós, nesta medida arruinamos nossa santa religião.

Não me atrevo a vos citar o exemplo do que aconteceu no Chile durante os três dias que passei ali. Mas, no entanto, já que isso me vem à mente, vos digo simplesmente para vos mostrar até onde chegou a degradação da ideia do Santo Sacrifício da Missa nas pessoas mais altas e mais elevadas da Hierarquia católica. No curso de nossa permanência em Santiago do Chile, apareceu na televisão uma concelebração presidida pelo Bispo auxiliar de Santiago do Chile, rodeado – eu não vi pela televisão mas isto me disseram numerosas pessoas que assistiram – de quinze ou vinte sacerdotes que concelebravam com ele. Durante esta concelebração, o Bispo auxiliar explicou aos fiéis, portanto, a todos os que o viam pela televisão, que era uma comida, e que, por conseguinte, não via inconveniente em que se fumasse durante essa comida. E ele mesmo fumou durante esta concelebração.

Eis aqui ao que se chega! a que degradação, a que sacrilégio pode chegar um Bispo diante de todos os seus paroquianos! Isso é inaudito, inconcebível! Teria que fazer reparação de coisas semelhantes durante anos, isto é um escândalo inimaginável. Mas isso nos mostra a que nível se pode chegar quando já não se está na Verdade.

Então devemos estar aferrados ao Sacrifício da Missa como à pupila de nossos olhos, ao que há de mais querido em nós, de mais respeitável, de mais santo, de mais sagrado, de mais divino. É o que é este seminário.

Tudo o que quiser será dito do seminário, será criticado por todas as partes: *o seminário é isto, o seminário é aquilo, foi decidido isto no seminário, foi decidido aquilo no seminário*. Não se decidiu nada em absoluto. Nada mudou em absoluto. O seminário continua sendo o que é. Continua sendo o que era e aquilo para o qual foi fundado. O seminário continua sendo um seminário católico. E se Deus me concede vida, o seminário



não mudará. Morrerei antes de se mudar qualquer coisa na doutrina católica que deve ser ensinada no seminário.

Queremos guardar a Fé, queremos fazer sacerdotes católicos, acabo de vos explicar, pelas três coisas principais da Igreja Católica: o Papa, a Santíssima Virgem Maria e o Santo Sacrifício da Missa. Estes são os fundamentos de nossa devoção aqui em Ecône.

E aconteça o que acontecer não mudaremos, com a graça de Deus. Então que se diga o que se quiser; *o seminário mudou, o seminário tomou nova orientação, o seminário tem isso, o seminário tem aquilo*; é o diabo quem o diz, porque quer destruir o seminário. Evidentemente, não pode suportar alguns sacerdotes católicos, não pode suportar alguns sacerdotes que têm a Fé.

E aqui é mister dizê-lo claramente: ao nosso redor, um pouco em todos os países, mas particularmente na França, há tais divisões entre os que querem guardar a Fé católica, que estouram então as calúnias, as murmurações, as palavras exageradas, algumas reflexões insensatas, injustificadas. Não nos ocupemos disso. Deixemos falar, ajamos bem, façamos a vontade de Deus, segundo a vontade da Igreja Católica, continuando o que nossos predecessores e nossos antepassados fizeram, o que o Concílio de Trento pediu que os Bispos façam, continuando a formação que sempre foi dada aos sacerdotes e teremos a certeza de estar na Verdade.

Isso é tudo. Permaneçamos na serenidade, permaneçamos na Fé. E se, porventura, nós não ensinássemos a Fé aqui, então, deixai-me, se não vos ensino aqui a Verdade católica, partis, queridos seminaristas, não ficais! É um dever vosso. Mas se eu ensino a Fé católica, se ela é ensinada aqui – tendes toda a biblioteca à vossa disposição para verificar se nós damos a Fé católica ou se não a damos – então tendes confiança em nós.

Mas nós faremos tudo para que a Fé católica continue sendo ensinada aqui, em sua integridade, para que possais, também vós, levar esta verdade que é tão fecunda de graça e de vida, porque a Verdade é também fonte de vida, fonte de graça. Temos necessidade desta vida, os fiéis a reclamam.



Por que temos pedidos de todas as partes para ter sacerdotes? Porque os fiéis têm sede da Verdade, sede da graça de Nosso Senhor, sede da vida sobrenatural, sede desta vida divina, sede desta eternidade à qual se dirigem.

Então tenhamos confiança no que a Igreja sempre fez, não confiança em Dom Lefebvre. Sou um pobre homem como os demais, não tenho a pretensão de ser melhor que os demais, muito pelo contrário. Não sei por que o Bom Deus me permitiu ter trinta anos de episcopado. Penso que humanamente julgando, preferiria ter ficado como missionário nos matagais do Gabão, ilhado, e não teria tido todos os problemas que tive durante meus trinta anos de episcopado.

Mas o Bom Deus o quis e o Bom Deus nos continua provando, fazendo-nos levar a cruz. E bem, se é sua vontade, que seja feita. Continuemos levando a cruz. Não é porque o Bom Deus nos impõe cruzes que devemos abandoná-lo. Não temos que abandonar a Nosso Senhor, ao contrário! Devemos segui-lo.

Então, meus queridos amigos, sejais fiéis, fiéis a Nosso Senhor, fiéis à Santíssima Virgem Maria, fiéis ao Papa, sucessor de Pedro, quando o Papa se mostra verdadeiramente sucessor de Pedro, porque isso é ele, dele temos necessidade. Não somos gente que quer romper com a autoridade da Igreja, com o sucessor de Pedro. Mas tampouco somos gente que queira romper com vinte séculos de tradição da Igreja, com vinte séculos de sucessores de Pedro.

Escolhemos. Escolhemos ser obedientes na realidade a tudo o que os Papas ensinaram durante vinte séculos, e não podemos crer que ele que está na sé de Pedro não quer ensinar essas coisas, não o podemos imaginar. Se por azar o fizesse, pois bem, Deus o julgará. Mas nós não podemos ir ao encontro do erro por haver uma espécie de ruptura na cadeia dos sucessores de Pedro.

Nós queremos permanecer fiéis aos sucessores de Pedro que nos transmitem o depósito da Fé. E é nisto no que somos fiéis à Igreja Católica, que permanecemos na Igreja Católica e que não faremos nunca um cisma. Isso é impossível, porque na medida em que estamos



aferrados precisamente a esses vinte séculos da Tradição da Igreja, a esses vinte séculos de Fé da Igreja, não podemos fazer um cisma. Isso é o que nos garante que temos o presente e o futuro como vos disse: “*Jesus Christus heri, hodie et in saecula*”. Impossível separar o passado do presente do futuro. Apoiando-nos no passado estamos seguros do presente e do futuro.

Assim pois, tenhamos confiança, peçamos à Nossa Senhora que nos ajude em todas estas circunstâncias. Ela é forte como um exército em ordem de batalha, Ela que sofreu o martírio, Rainha dos mártires, na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pois bem, por acaso não seguiremos nossa Santa Mãe, por acaso não estaremos com nossa Santa Mãe, prontos para também sofrer o martírio para que a obra da Redenção continue?

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.



VII – Respostas a diversas questões da atualidade

Texto destinado originalmente aos alunos do Seminário de Ecône

Ecône, 24 de fevereiro de 1977

1. Qual deve ser nossa atitude diante do Papa Paulo VI?

Esta atitude será diferente segundo a maneira como se define o Papa Paulo VI, porque nossa atitude em relação ao Papa, como Papa e sucessor de Pedro, não pode mudar.

A questão é, pois, em definitivo: o Papa Paulo VI foi ou ainda é o sucessor de Pedro? Se a resposta for negativa: Paulo VI nunca foi Papa ou já não o é, nossa atitude será a dos períodos de “sé vacante”; isso simplificaria o problema. Alguns teóricos o afirmam, apoiando-se nas afirmações dos teólogos de tempos passados, admitidas pela Igreja, e que estudaram o problema do Papa herege, cismático ou que praticamente abandona seu cargo de Pastor supremo.

Não é impossível que esta hipótese algum dia seja confirmada pela Igreja. Porque há em seu favor sérios argumentos. De fato, são numerosos os atos de Paulo VI que, realizados por um Bispo ou por um teólogo vinte anos atrás, seriam condenados como suspeitos de heresia, que favorecem a heresia. Diante do fato de que aquele que realiza esses atos é quem ocupa o trono de Pedro, o mundo ainda católico, o que sobra dele, estupefato, perplexo, prefere calar a condenar, prefere assistir à destruição da Igreja a opor-se a ela, à espera de dias melhores.

No entanto, falta saber em que medida o Papa é o verdadeiro responsável por esses atos que favorecem a heresia. Alguns respondem que não o é em absoluto, que está fora de si, prisioneiro, etcétera. É uma resposta que não parece admissível. O Papa se mostra em plena posse de suas faculdades, muito consciente de seu firme desejo de fazer aplicar o Concílio e as reformas que dele derivam.



Entre as duas hipóteses, a do Papa herege e que já não o é, por conseguinte, Papa, e do Papa irresponsável, incapaz de cumprir seu cargo pela tirania exercida pelos que o rodeiam, não haveria uma resposta mais complexa, no entanto talvez mais real: a de um Paulo VI liberal, em um grau muito profundo? Seu liberalismo toma suas raízes em Lutero, Jean-Jacques Rousseau, Lamennais, depois em personagens que conheceu: Marc Sangnier, Fogazzaro, o “Maritain mau”, Teilhard de Chardin, La Pira, etcétera.

Formado no liberalismo que é a incoerência intelectual e a incoerência prática, como o define o Cardeal Billot, ele encarna uma teoria católica ou catolicizante e uma prática fundamentada sobre os falsos princípios do liberalismo, do mundo moderno, princípios nos quais estão imbuídos os inimigos da Igreja: protestantes, maçons, marxistas; princípios de uma filosofia hegeliana, subjetivista, irreal, evolutiva, que está na base da democracia, das falsas liberdades individuais; tudo isso sob um espelhismo de progresso, de mutação, de dignidade da pessoa humana, etcétera.

Esta incoerência essencial do liberal lhe dá uma dupla face, uma dupla personalidade, uma dualidade constante que provoca a autodestruição.

Pode-se dizer que não há mau maior que o de ter na Sé de Pedro um liberal convencido. Daí a alegria dos inimigos da Igreja, que a manifestam publicamente. Daí também o bloqueio das reações dos católicos fiéis por causa da face aparentemente tradicional do Papa.

É um segundo Lamennais, torturado, inquieto, capaz de um grande sentimentalismo e de reações cruéis.

Me parece que esta resposta corresponde melhor à história do liberalismo e a do próprio Paulo VI. Ela explica melhor tudo o que fez e continua fazendo. Ela ilumina o Concílio Vaticano e os agentes que ali trabalham, em conformidade com o que fizeram os verdadeiros liberais durante dois séculos.



Nossa conclusão, neste caso, é a seguinte: estamos com Paulo VI, sucessor de Pedro quando cumpre seu papel; negamo-nos a seguir ao Paulo VI sucessor de Lutero, de Rousseau, de Lamennais, etcétera.

O Magistério oficial e perpétuo da Igreja nos permite ver quando Paulo VI age de uma forma ou de outra.

Estimamos nulos todos os esforços, todos os atos, todas as contrariedades que nos vêm dele para obrigar-nos a seguir ao Paulo VI liberal e destruidor de nossa Fé; aceitamos, ao contrário, todos os atos tendentes a manter nossa Fé católica, porque na Igreja, por vontade de seu Fundador e pela natureza mesma da Igreja, tudo está ordenado à Fé, garantia da vida eterna; todos os poderes, todas as leis estão ordenadas a esse fim. Utilizar esses poderes e essas leis para a ruína da Fé e das instituições da Igreja é um evidente abuso de poder e uma aberta desobediência a Nosso Senhor. Colaborar com essa ruína, submetendo-se a um mandamento imoral, é contribuir à desobediência a Nosso Senhor.

Se parecesse impossível, como afirmam os progressistas e os que seguem Paulo VI de olhos fechados, que o Papa Paulo VI seja verdadeiramente Papa e favoreça ao mesmo tempo a heresia e, por conseguinte, se parecesse que é contrário às promessas feitas por Nosso Senhor Jesus Cristo que um Papa seja profundamente liberal, então seria preciso aderir à primeira hipótese¹. Mas isso não parece evidente. É o Cardeal Daniélou quem diz, na última obra publicada a respeito, que o Papa Paulo VI é um liberal.

De todas as formas, devemos rezar muito pelo Papa para que guarde fielmente o depósito da Fé que lhe foi confiado.

¹ Dom Lefebvre refere-se aqui à primeira hipótese, ou seja, à de que o Papa seria um herege, de que Paulo VI não seria mais Papa ou nunca o tivesse sido. *Mas isso não parece evidente*, prossegue. Chega-se à conclusão de que uma pessoa que propaga o liberalismo não é necessariamente um liberal ou um herege, justamente pela deformação de seu intelecto. Daí a complexidade da questão e daí a imprudência dos sedevacantes em afirmar com toda a certeza que ele deixou de ser Papa. Dom Lefebvre deixa isso em aberto para julgamento posterior do Magistério e deixa brilhar aqui sua prudência diante da crise atual N. do T.



2. Qual deve ser nossa atitude diante da nova Missa, e por este fato, diante de toda a reforma litúrgica, incluindo a reforma do breviário, do calendário litúrgico, do ritual dos defuntos, etcétera?

Aqui nossa atitude também dependerá da definição que damos desta reforma.

Se considerarmos esta liturgia reformada como herética e inválida, seja por causa das modificações introduzidas na matéria e na forma, seja por causa da intenção do reformador inscrita no novo rito e contrária à intenção da Igreja Católica, é evidente que nos está proibido participar desses ritos reformados: participaríamos em uma ação sacrílega.

Esta opinião apóia-se sobre sérias razões, mas não absolutamente evidentes. Por isso, me parece imprudente afirmar que pecam gravemente todos os que participam, de qualquer forma que seja, de um rito reformado.

Deixando de lado as pessoas que conferem os sacramentos segundo este novo rito, se se considera a reforma geral nos textos publicados por Roma, vemo-nos obrigados a dizer, com os Cardeais Ottaviani e Bacci, que estes ritos se distanciam de forma verdadeiramente inquietante dos textos definidos sobre esse tema no Concílio de Trento. A preocupação de um ecumenismo exagerado aproximou de tal forma esta reforma à reforma protestante que disso resulta um grave perigo de diminuição da Fé e até perda da Fé para aqueles que usam esses ritos de forma habitual e constante, e isto inclui no caso daqueles que se esforçam por guardar as aparências da Tradição.

Este juízo se emite sobre os textos reformados oficiais: "*faventes heresiam*".

Esses textos concluem pois por exercer uma influência sobre a intenção de muitos sacerdotes, sobretudo dos jovens, distanciando-os da intenção de fazer o que faz a Igreja Católica, daí os riscos de invalidez.

Em efeito, os novos textos eliminaram as alusão ao Sacrifício propiciatório, aumentaram a atmosfera de comida, de Ceia, em detrimento do Sacrifício; diminuíram a adoração, os sinais da Cruz, as genuflexões.



Tudo no novo rito tende a substituir o dogma católico sobre a Missa e definido pelo Concílio de Trento, pelas noções protestantes.

Desta forma, a intenção terminará por se aplicar a um rito protestante e já não ao que faz a Igreja de sempre e para sempre.

Temos que acrescentar as más traduções, as adaptações, a criatividade, etc., outras tantas causas de invalidez possíveis e, em todo caso, de sacrilégios.

A conclusão é evidente: é um dever nos abster habitualmente, não aceitar assistir senão em casos excepcionais: casamento, enterro, e quando se tem a certeza moral de que a Missa é válida e não sacrílega.

E isto vale para toda a reforma litúrgica.

É melhor não assistir senão uma vez ao mês à verdadeira Missa e se for necessário inclusive com um intervalo maior de tempo que participar de um rito que tem sabor protestante, que nos priva da adoração devida a Nosso Senhor e talvez até de Sua presença.

Os pais devem explicar a seus filhos por que preferem rezar em casa ao invés de concorrer a uma cerimônia perigosa para sua Fé.

3. Sobre a jurisdição para os jovens sacerdotes da Fraternidade.

As leis naturais e sobrenaturais, ou seja, o Decálogo e o Direito Canônico, estão todas ordenadas para a vida. Por isso, o legislador previu que, em perigo de morte e, sobretudo, de morte sobrenatural, ou inclusive nos casos urgentes em que se requer o emprego dos meios necessários para conservar a vida sobrenatural, os poderes são concedidos pelo Direito àqueles que têm a essencial faculdade de os adquirir (C.I.C. 882; 2261, 2).

Pois bem, no ambiente da reforma litúrgica, as dúvidas sobre a validade dos Sacramentos se tornam cada dia mais numerosas. Os próprios ritos novos levam em si sérias dúvidas. As almas estão em uma situação de contínuo perigo de morte.



É pois normal e inclusive necessário que os sacerdotes utilizem esses poderes excepcionais para ir em socorro dessas almas abandonadas e que enfraquecem.

A censura em que tiverem incorrido, inclusive se fosse válida, não poderia dispensá-los de ir em socorro das almas que lhes suplicam comunicar a graça que lhes é necessária para sua vida sobrenatural e que estão certas de receber pelo ministério desses jovens sacerdotes, já que eles utilizam os ritos milenares que a Igreja Católica sempre empregou para transmitir a graça.

Isso vale para os batismos, confissões, extrema-unção.

Para o matrimônio, são os próprios futuros esposos que recebem esta autorização pelo Direito, e o sacerdote que não é oficialmente delegado deve, no entanto, ser testemunha do Sacramento do matrimônio se está próximo e se nenhum outro sacerdote pode ou quer assistir (Cânon 1098).

O que interessa gravemente é que em cada priorado se faça com exatidão os registros concernentes à recepção dos Sacramentos, para que quando se volte a uma situação normal esses registros sejam colocados nos arquivos das dioceses, ao menos uma cópia. (Devem ser relatados sempre em dois exemplares, dos quais um deve ser remetido aos arquivos do Distrito quando estiver completo).

4. Como considerar o retorno a uma situação normal?

Como se trata do porvir, sabemos que pertence a Deus e que é, pois, difícil fazer previsões.

No entanto, comprovemos em primeiro lugar, que a anomalia na Igreja não veio de nós, senão daqueles que se esforçaram por impor uma orientação nova à Igreja, orientação contrária à Tradição e inclusive condenada pelo Magistério da Igreja.



Se parecemos estar em uma situação anormal é porque aqueles que hoje têm a autoridade na Igreja queimam o que antes haviam adorado e adoram o que antes era queimado.

Os que se apartaram da via normal e tradicional são aqueles que terão que voltar ao que a Igreja sempre ensinou e ao que sempre realizou.

Como poderá ocorrer isso? Humanamente falando, parece sim que somente o Papa, digamos um Papa, poderá restabelecer a ordem destruída em todos os campos.

Mas é preferível deixar estas coisas à Providência divina.

No entanto, nosso dever consiste em fazer tudo para conservar o respeito à Hierarquia na medida em que seus membros ainda formam parte dela, e saber fazer a distinção entre a instituição divina à qual devemos estar muito aferrados, e os erros que podem professar alguns maus pastores. Devemos fazer o que for possível para iluminá-los e convertê-los com nossas orações, e nosso exemplo de mansidão e firmeza.

À medida que se fundam nossos priorados teremos esta preocupação de inserir-nos nas dioceses mediante nosso verdadeiro apostolado sacerdotal submetido ao sucessor de Pedro, como sucessor de Pedro, não como sucessor de Lutero ou de Lamennais. Teremos respeito e inclusive afeto sacerdotal por todos os sacerdotes, esforçando-nos por lhes dar a verdadeira noção do Sacerdócio e do Sacrifício, por acolhê-los para retiros, por pregar missões nas paróquias como São Luis Maria Grignon de Montfort, pregando a Cruz de Jesus e o verdadeiro Sacrifício da Missa.

Assim, pela graça da Verdade, da Tradição, se desvanecerão os prejuízos a nosso respeito, ao menos por parte dos espíritos ainda bem dispostos e nossa futura inserção oficial se verá, por isso, grandemente facilitada.

Evitemos os anátemas, as injúrias, as pulhas, evitemos as polêmicas estéreis, rezemos, santifiquemo-nos, santifiquemos as almas que virão a nós cada vez mais numerosas, na medida em que encontrem em nós aquilo do qual têm sede: a graça de um verdadeiro



sacerdote, de um pastor de almas, zeloso, forte em sua Fé, paciente, misericordioso, sedento da salvação das almas e da glória de Nosso Senhor Jesus Cristo.